

O momento presente

Sônia Bonzi*

Vivencio e concretizo um novo chegar e os mistérios da terra Maia começam a me envolver. Fiz as primeiras viagens, realizei antigos desejos. Cheguei ao Lago Atitlán, considerado patrimônio da humanidade, e me deixei abraçar pela magia que dele emana. De água cristalina, é formado na antiga cratera de um vulcão. Grande, profundo, mágico, muitos metros acima do nível do mar. Em suas margens, três vulcões, montanhas cobertas por árvores robustas, vestidas por cipós, pura luxúria. Aqui e ali a floresta cedeu lugar às plantações de milho ou ao cultivo de hortaliças. Casas magníficas, jardins esplendorosos, hotéis de luxo, heliportos e piscinas entremeiam-se à natureza. Pequenos cais, lanchas, veleiros, barcos de pescadores e doze aldeias de população indígena, de diferentes hábitos, línguas e vestimentas, distribuem-se ao seu redor. Há aí algo de mágico que mexe com o coração, convida à transcendência, fala à alma com doçura, pede reza e agradecimento. Há um toque de divindade que não se pode deixar de sentir. Há uma harmonia a ser admirada, uma paz a ser sentida.

A grande maioria das pessoas, que vive em volta do lago, usa o traje típico da sua tribo. Homens, mulheres, crianças abusam das cores, dos bordados à mão, dos tecidos feitos em tear. Alguns usam turbantes enormes. Umhas mulheres adornam as tranças, quase tão longas quanto as de Rapunzel, com tiras coloridas e pompons espalhafatosos. As saias são enroladas no corpo e presas por cintos ou faixas... Ainda não sei identificar nenhum grupo, mas já percebo as diferenças. Para visitar algumas das aldeias só mesmo de barco, fáceis de alugar a preços módicos. Estive, com três amigas, nas aldeias de San Juan e Santiago de Atitlán. A primeira me impressionou pela limpeza das ruas, pelos recantos e pátios floridos, pela quantidade de associações de mulheres artesãs. Há aí pousadas, restaurantes e inúmeros painéis pintados nos muros e nas casas. A população é simpática e, em geral, não se incomoda de ser fotografada com os turistas.

Santiago é diferente, maior, mais tumultuada, apesar de oferecer cenas bucólicas. Do alto da montanha, pode-se ver as indígenas ensaboando, esfregando, batendo e enxaguando roupas. O meio de transporte mais usado é o *tuc-tuc*, aquela lambreta barulhenta, de três rodas e carroceria. Na Igreja Matriz todas as imagens estão vestidas com roupas indígenas. Panajachel é a maior cidade ao redor do lago. Na década de 60 atraiu *hippies* e mochileiros de outros países. Muitos deles permaneceram e exploram o turismo. Instalaram-se como donos de restaurantes, hotéis, pousadas... Lá encontramos um brasileiro de Mogi das Cruzes, que há doze anos chegou para visitar e não mais saiu. A rua principal é um imenso mercado. Um deleite para os turistas americanos e europeus, que têm grande poder aquisitivo. Há xamãs indígenas pelos arredores, que ficam meio escondidos, ainda cheios de recordações dos tempos da guerra civil, quando professar a fé Maia podia ser castigado com a morte. Homens e meninos transportam enormes fardos apoiados na testa. As mulheres levam os bebês às costas, amarrados com lindas mantas multicores. As duas noites passadas em um *resort* de um italiano, que há mais de trinta anos trocou a Europa pela tranquilidade do lago, foram cheias de magia. Piscina e *jacuzzi* ao ar livre, aquecidas, tiravam nosso cansaço depois dos agitos do dia. Sob o céu cheio de estrelas, banhadas pela luz da lua que crescia, fomos apresentadas a Ajau, Deus Maia. Participamos de uma cerimônia ancestral e deixamos-nos ficar, comprometidas somente com a beleza, o bem estar e a energia cósmica.

Tikal, o maior sítio arqueológico, onde os Maias viveram 700 anos antes de Cristo, foi outro lugar conhecemos. Trinta minutos de vôo da Cidade da Guatemala até lá. O

complexo arquitetônico, a grandiosidade das construções, o posicionamento de templos e pirâmides em harmonia com o deslocamento dos astros, a importância dada à numerologia, a captação da água da chuva em reservatórios eram do conhecimento deste povo há alguns milênios. Não se sabe ao certo o que causou a decadência de Tikal. O inacreditável é ver como a floresta engoliu as pirâmides e os templos, deixando-os escondidos por muitos séculos. A vegetação cresceu, as árvores fincaram raízes sem respeitar nem as pedras que formavam os altares, ou os lugares dos sacrifícios, ou as estruturas pesadas e gigantescas das pirâmides. Subir os sessenta e quatro metros do Templo IV, o mais alto, é cansativo, mas a vista que se tem merece o desafio. Um mar de mata exuberante, horizonte verde e vibrante, sobressaindo entre as árvores o topo de templos e pirâmides. É uma imagem inesquecível. Tucanos, papagaios, periquitos, macacos, mosquitos, aranhas, coatis... são responsáveis pela sonoplastia.

Por fim, Chichicastenango, que é uma cidade sem muito charme. O zinco e o concreto substituíram as antigas construções, feitas de adobe e palha. Às quintas e domingos acontece por lá o maior mercado de artesanato indígena da região. São centenas de barracas espalhadas pelas ruas. Impossível não se encantar com os tecidos feitos a mão - de lã ou de algodão, os bordados e as cores. Na porta da Matriz os indígenas queimam incenso e velas e rezam em dialeto incompreensível. Beleza e magia do que sobrou de uma das mais importantes civilizações da antiguidade. De volta à capital nossos olhos armazenavam imagens inéditas e fazíamos planos para um dia voltar em busca de outros mistérios.

Setembro de 2008

*Sonia Bonzi é embaixatriz do
Brasil na Guatemala.